

O Bispo e o Presidente: a prosperidade como um referente comum na construção discursiva de Lula e Edir Macedo

The Bishop and President: the prosperity as referring a common in the discursive construction of Lula and Edir Macedo

Mauro Meirelles*

Resumo: Como os homens públicos contam suas histórias? Como essas histórias perpassam o imaginário daqueles que as ouvem (lêem)? Essas são algumas das questões que abordamos ao comparar duas biografias de homens públicos brasileiros, um pertencente ao campo político, outro, ao campo religioso. Neste sentido, a análise dos dados mostrou a utilização de duas estratégias diferenciadas, mas, com um referente comum: a idéia de prosperidade que, através de suas narrativas, evoca representações e imaginários comuns à própria história do povo brasileiro, o qual ao ir a um templo e ouvir o testemunho de um membro da congregação, ou ao ouvir o Presidente se referindo a sua trajetória, encontra fragmentos de sua própria história de vida. No caso do primeiro temos o referente na Teologia da Prosperidade, no caso do segundo, numa Teleologia da Prosperidade, de modo que, seja no templo ou no palanque, é o indivíduo que lá está, que capta e ordena esses fragmentos da história do outro que lhes são comuns.

Palavras-chaves: Religião e Política. Análise biográfica. Imaginário.

Abstract: How do the public personalities count its histories? How do these histories perpassam the imaginary one of that they hear them (they read)? These are some of the questions that we approach when comparing two biographies of brazilian public personalities, pertaining to a politics field, another one, to the religious field. In this direction, the analysis of the data showed the use of two differentiated strategies, but, with referring a common one: the prosperity idea that, through its narratives, it evokes common imaginary representations and to the proper history of the Brazilian people, which when going to a temple and hearing the certification of a member of the congregation, or when hearing the President if referring to its trajectory, he finds fragments of its proper history of life. In the case of first we have

* Doutor em Antropologia, Pesquisador do Núcleo de Estudos da Religião e Professor Adjunto da Unilassale.

the referring one in the “Teologia da Prosperidade”, in the case of the one second, in a “Teleologia da Prosperidade:”, so that, either in the temple or the tribune, it is the individual that is there, that catches and commands these fragments of the history of the other that them they are common.

Keywords: Religion and Politics. Biographical analysis. Imaginary.

Introdução

Os anos passam e as coisas mudam, parece-nos muitas vezes que não, mas pequenos detalhes que passam despercebidos ao olhar desatento, informam ao antropólogo profundas mudanças no comportamento de uma sociedade, grupo ou pessoas em específico. Se no âmbito de nossa vida privada isso ocorre com frequência quando nos damos conta de pequenos detalhes que em tempos anteriores nos passavam despercebidos, quando lemos a biografia de homens públicos e a narrativa destes sobre sua trajetória, também não podemos nos esquecer de observar esses detalhes sutis na forma de escrever, de narrar, de contar a sua história através de um livro que traz sua trajetória de homem público, que conta a sua versão da história e a forma como este quer ser “visto” por aqueles que fazem a leitura deste tipo de obra.

Enfocando minha análise na trajetória de homens públicos, muitos poderiam ser os temas com os quais me ocuparia no presente texto, ainda mais, se partirmos da forma como estes contam a sua história. Todavia, não realizarei aqui somente uma análise biográfica, mas sim, a forma como estes contam sua história a partir da sua biografia oficial sacralizando suas trajetórias, mostrando-se como exemplos de sucesso, produzindo no outro uma representação de si próprio a partir de um campo de contingência dado, qual seja, o imaginário das classes populares. Portanto, o presente texto, tem por objetivo testar, a partir da análise de duas obras biográficas, o alcance do que, em outro texto denominei de “Tese do Xamanismo” (MEIRELLES, 2006). Para isto, centrarei minha análise na biografia de duas personalidades bastante conhecidas e proeminentes da esfera pública brasileira, os quais, têm ocupado nos últimos anos um lugar de bastante destaque na mídia, seja no que tange ao campo religioso, seja no que tange ao campo político.

O primeiro deles a que me refiro é Luiz Inácio Lula da Silva, ex-Presidente da República por dois mandatos pelo Partido dos Trabalhadores. O segundo é Edir

Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus e Presidente da Rede Record de Televisão. Assim, para a realização do presente estudo, utilizarei duas obras específicas, quais sejam: 1) a biografia oficial de Luiz Inácio Lula da Silva, escrita por Denise Paraná e intitulada “Lula, o filho do Brasil”; e, 2) a biografia oficial de Edir Macedo, escrita por Douglas Tavolaro intitulada “O Bispo: a história revelada de Edir Macedo”.

Neste sentido, organizo o texto em três partes. Uma primeira onde trago um pouco da história pessoal destes através de seus biógrafos e a forma como estes contam suas histórias, os quais se subdividem em: 1) “O Bispo”, dedicado a Edir Macedo e forma com sua história é contada; e, 2) “O Presidente”, dedicado a Luiz Inácio Lula da Silva e a narrativa à nós apresentada por Denise Paraná. Lembramos assim que, em ambos os casos, são eles mesmo que contam a história a seus biógrafos e que, portanto, são eles que reconstroem e constroem sua trajetória ao longo do texto, dando-lhe sentido, dotando-a de significado e lógica (BOURDIEU, 1986)¹.

Na segunda parte, a partir dos relatos trazidos por eles, realizamos uma aproximação da figura do presidente daquela do bispo, buscando com isso identificar os elementos que fazem desses dois homens públicos exemplos para o povo, principalmente, aqueles provindos de classes populares, locus em que suas narrativas e formações discursivas parecem obter maior eficácia em relação a outras pessoas que disputam espaço com estes no imaginário deste público específico que vive a margem das grandes cidades brasileiras. Ainda neste item, a partir de MAUSS (1974), desenvolvemos o que denominamos de “Tese do Xamanismo” e buscamos em suas biografias apontar elementos que conformam o campo de contingência específico da formação discursiva por eles utilizada tanto no púlpito como no palanque.

De posse desses elementos buscamos, como nos propôs Carlos Alberto Steil em reunião do grupo de pesquisa, testar a eficácia dos símbolos por eles utilizados, e onde, residiria a força e a eficácia de tal estratégia discursiva, inicio a terceira parte do texto. Neste sentido, em texto anterior (MEIRELLES, 2006) realizei uma análise semelhante com relação aos dois candidatos que concorreram a Presidência no segundo turno das eleições de 2006, quais sejam, o então candidato a reeleição Luiz

¹ Segundo BOURDIEU (1986: p. 69) “Parler d’histoire de vie, c’est pressupposer au moins, et ce n’est pas rien, que la vie est une histoire et que, comme dans le titre de Maupassant, Une Vie, une vie est inséparablement l’ensemble des événements d’une existence individuelle conçue comme une histoire et le récit de cette histoire”.

Inácio Lula da Silva, e seu opositor, Geraldo Alckmin. Contudo, o foco de análise era outro e residia em se entender como o jogo acusatório (típico do xamanismo) servia a estes como forma de conquista de novos adeptos políticos de modo que, ambos, se mostraram sempre como políticos capazes de manter a ordem. Contudo, aqui, vamos adiante e, como em “O feiticeiro e sua Magia” de LEVI-STRAUSS (1995) seguimos os passos de Quesalid introduzindo no sistema um novo feiticeiro capaz de manter a ordem, sem, contudo, imiscuir-se na esfera do político. Sua estratégia é outra e a “pena sanguinolenta” de Quesalid é, agora, a teologia da prosperidade de Edir Macedo. O sistema em questão não é mais político, mas a forma como a história é contada, por estes, em suas narrativas.

Outrossim, devemos lembrar que, quando trabalhamos com registros biográficos é fácil precisar o início e o fim da narrativa, contudo, devemos ter consciência que o que operamos no momento que escrevemos um texto é um simples recorte de uma história maior. Grosso modo, podemos dizer que nenhuma história tem um começo ou um fim delimitado e absoluto de modo que, tal recorte, faz parte de um processo cujo início é impossível precisar. Mas, precisamos de um ponto de partida e, normalmente, como fazem os historiadores, utilizamo-nos da data de nascimento, uma vez que, é a partir dela que tanto os biógrafos de Edir Macedo quanto a de Lula, começam a nos contar a história desses dois homens.

Todavia, lembremos que mesmo antes do nascimento destes dois homens já havia uma história que vinha sendo contada, uma história bastante comum às classes populares e que remonta a movimentos migratórios e a busca de trabalho nos grandes centros urbanos no caso de Luiz Inácio Lula da Silva. E, no caso de Edir Macedo, à terceira onda do pentecostalismo brasileiro e a própria constituição do atual campo religioso brasileiro.

Diante disto, fica claro que devemos assumir as limitações impostas pelo registro biográfico e aceitarmos que todo o registro biográfico faz parte de uma história maior, que está inserida na vida e no imaginário de um povo ou nação que ao longo do tempo conta e reconta sua própria história através de pessoas e personagens de destaque, que ao escaparem do anonimato a eles reservado, servem de exemplo a ser seguido por todos. Assim, pensar no registro biográfico como uma história contada pelo povo é como pensar o mito nas sociedades primitivas. E, assim como o mito, a história contada nas biografias das personalidades do nosso tempo,

reinventam o mundo, contam a história de tempos antigos e de coisas que não conhecemos, nos mostrando como no presente devemos proceder.

Neste sentido, da mesma forma que o mito era passado de geração a geração entre os povos primitivos e ágrafos através de histórias contadas às crianças ao redor da fogueira, as biografias, nos contam histórias, evocam imaginários e representações presentes na vida da maioria das pessoas, atualizando, a própria história que é contada, seus ícones, seus personagens². Disto depreende-se que, se há algum tempo atrás o exemplo de homens e ideários das classes oprimidas nos era dado pela trajetória de revolucionários latino-americanos tais como Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, hoje, temos nossos próprios heróis que contam a história da esquerda brasileira, de homens que vieram de baixo, superaram adversidades e, estiveram, recentemente, no comando do país. Lula é um destes exemplos, detentor de uma destas histórias que serão contadas daqui alguns anos a nossos filhos – história de um homem oriundo do sertão nordestino, da periferia das grandes cidades, homem de classe popular, com ideais, que lutou pelo seu povo.

No caso de Edir Macedo, situação semelhante é observada e, ao invés da história de missionários norte-americanos e suecos que aqui aportaram para evangelizar o povo e trazer a estes a palavra de Deus no início do século passado, hoje temos a nossa própria história – a história de um brasileiro que se propôs ao trabalho de evangelização, que fundou uma Igreja, que rompeu fronteiras nacionais e, hoje, é líder de uma das maiores igrejas evangélicas pentecostais do mundo – a Igreja Universal do Reino de Deus –, presente em mais de 172 países, com mais de 4 mil templos e quase 10 mil pastores espalhados pelo globo terrestre.

São essas histórias, que como outras que contamos a nossos filhos (ou que nos contam os mais velhos) que constituem os exemplos a serem seguidos. É, portanto, a partir desta perspectiva que buscaremos nas páginas seguintes encontrar elementos que nos permitam aproximar e entender a forma cada um desses homens, cada um a sua maneira, utilizam-se de símbolos e valores comuns às classes populares para dotar de eficácia sua formação discursiva e a forma como contam a sua história.

² Segundo PEIRANO (2000, p. 7) ao operar sobre está lógica, Leach, ao seu tempo, *dava um grande passo não distinguindo comportamentos verbais de não-verbais. Como consequência, ele aproximava o ritual do mito. Esta era uma grande inovação: o ritual era um complexo de palavras e ações e o enunciado de palavras já era um ritual. O ritual tornava-se, assim, linguagem condensada e, portanto, econômica, e o primitivo, um homem sagaz e engenhoso.*

1. O Bispo

Mais que um pregador, Edir Macedo é o retrato bem acabado do que chamamos de líder. Foi assim, rompendo desde cedo com a perspectiva de uma vida decente, mas comum, que ele se firmou como alguém que não estava aqui para ser coadjuvante. Alguém que não se acomoda. O bispo, como é hoje reconhecido, fez dessa inquietude um modo de vida. Ainda pastor, surpreendia pela vasta cabeleira e pelo gestual, a ponto de ser chamado de “pastor bossa nova”. Surpreendia, sobretudo, pelo discurso. A “Teologia da Prosperidade”, pregada por ele, foi um divisor de águas na história recente dos movimentos neopentecostais no país. (TAVOLARO: 2007, p. 13)

Ao iniciar a biografia de Edir Macedo, TAVOLARO (2007) reconstrói o passado a partir do presente iniciando a biografia propriamente dita com uma volta a Delegacia onde Edir Macedo esteve preso, por onze dias, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato pelo Ministério Público do Rio de Janeiro. No local, revive com o Bispo o momento de sua prisão, suas sensações, seu encarceramento, suas percepções acerca do ocorrido no dia 24 de maio de 1992, dia em que foi tirado violentamente de seu carro por agentes da Polícia Federal e levado até essa Delegacia na Vila Leopoldina onde esteve preso por 11 dias.

Entre os questionamentos de seus biógrafos e as reminiscências de seu passado, Edir Macedo avalia o momento de sua prisão, descrevendo o caminho percorrido como a *via crucis*³ de Jesus, onde este, assim como ele, acusado injustamente é preso e condenado. Em suas palavras, se comparando com Jesus, Edir Macedo avalia como os fiéis de sua Igreja perceberam esse momento e a importância deste fato em sua trajetória como líder religioso quando, ele mesmo, como transcreve TAVOLARO, coloca que:

A minha prisão ajudou o povo a entender suas lutas. Jesus sofreu injustiça, foi preso também. Os membros da Igreja compreenderam que as injustiças só fazem bem para a fé. É a garantia de vencer lá na frente... – afirma com ênfase semelhante a seus discursos no púlpito. (TAVOLARO, 2007, p. 25),

³ A Via Crucis é o trajeto seguido por Jesus Cristo carregando a cruz que vai do Pretório até o Calvário. O exercício da Via Sacra consiste, assim, que os fiéis percorram mentalmente a caminhada de Jesus a carregar a Cruz desde o Pretório de Pilatos até o monte Calvário onde Jesus teria sido crucificado, meditando.

E mais adiante, na exegese do Evangelho, como Jesus na Santa Ceia, nomeia seus inimigos, dizendo porque estes o temem e porque o atacam. Mais adiante ainda, se coloca no lugar dos apóstolos de Jesus, novamente sacralizando sua trajetória através de seu discurso ilocutório, como no presente excerto onde este afirma que

Eu sinto o batismo de fogo. Eu não mereço, mas me sinto como um apóstolo, porque estou sentindo o que eles sentiram naquela época. Paradoxalmente, isso é um privilégio: sofrer como eles sofreram, por um Senhor e por uma causa que nos abraçamos de todo o coração. (TAVOLARO: 2007, p. 40)

E, assim como Jesus à seu tempo, evoca os fiéis a redenção quando, em comunicado transmitido pela rádio à pedido da delegada Sílvia Souza Cavalcanti, tenta acalmar os fiéis que se multiplicavam na frente da delegacia de Vila Leopoldina (RJ) e iniciavam, por todo o Brasil, manifestações de protesto de repúdio ao ocorrido. Neste comunicado transmitido pela Rádio, Edir Macedo dizia aos fiéis de sua Igreja:

Só peço às pessoas que fazem parte desta família Universal do Reino de Deus que orem e façam jejum para que venhamos a sair daqui o mais rápido possível. Que Deus, no tempo certo, venha nos livrar, e possamos então comungar juntos a fé cristã. (TAVOLARO: 2007, p. 44)

Já no capítulo 4 e subseqüentes, revela sua intimidade – expondo seus gostos, suas fraquezas, seus hábitos alimentares, sua forma de agir diante de diferentes situações, seus hobbies, etc. – buscando, com isso, mostrar o seu lado humano, contrapeso, a sacralização de sua trajetória promovida até então. Como expõe TAVOLARO ao descrever o cotidiano do Bispo,

O cotidiano de Edir Macedo surpreende pela simplicidade. Nos dias de semana, acorda antes das seis da manhã para escrever mensagens religiosas. Depois do café, consome a manhã em reunião com pastores. Almoça sempre com a mulher e os bispos responsáveis pelo país onde está de passagem. [...] Durante à tarde, lê a Bíblia e grava seu programa de rádio, e à noite, durante um ou mais dias da semana, exercita sua função predileta: comandar cultos no altar. (TAVOLARO, 2007, p. 67)

Ou, como coloca o próprio Edir Macedo se referindo aos seus hábitos alimentares e sua origem simples, quando esse coloca que “*se o arroz e o feijão*

estiverem bons, não me incomodo com o resto. Sei que existem pratos maravilhosos mais não me atraem. Nasci na roça, sou roceiro”(TAVOLARO: 2007, p. 73). Ou ainda, como coloca dona Iraildes Alves de Oliveira, cozinheira de Edir Macedo, logo a seguir: “*o arroz não pode estar muito solto moço. [...] Costela, rabada sem gordura, farofa. Ele gosta de comida simples*” (TAVOLARO: 2007, p. 73).

A partir destes excertos, extraídos de falas do próprio Edir Macedo ou de pessoas próximas a ele, o que fica latente é a tentativa do biógrafo e dele próprio, o Bispo, enquanto narrador de sua história, de aproximar-se das pessoas do povo através de seu discurso imanente (ORO, 2006). Outrossim, temos então, que tal formação discursiva acaba por evocar, entre aqueles que tomam contato com esses excertos em um dado campo de contingência específico (CORTEN ET ALLI, 2006) que opera como lócus privilegiado de seu discurso e aponta para um público específico que ocupa as fileiras de sua Igreja, qual seja, a população de baixa renda que vive na periferia das grandes cidades brasileiras e, compõe, a maioria daqueles que freqüentam a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Já no que tange aos efeitos perlocutórios de tal proposição discursiva utilizada tem-se que a esta, subjaz elementos da própria teologia da prosperidade – princípio basilar da IURD – que mesclada a trajetória de homem simples narrada em sua biografia, serve de exemplo a todos, mesmo que, em realidade, sua história seja uma exceção entre milhões de pessoas. Outrossim, no âmbito da teologia da prosperidade, o que se faz presente e é constantemente evocado em sua biografia é que: *todos podemos vencer, todos podemos prosperar, mas nunca devemos esquecer nossa origem simples e que estamos aqui a serviço de Deus* – e isto, deve ser observado.

O livro segue e episódios da vida do Bispo são reconstruídos sempre a partir de formulações narrativas que destacam episódios de dor e sofrimento, após os quais, sempre supera as adversidades e reafirma sua fé. É assim que, reinventa sua história e utiliza a si próprio como exemplo para sua própria teologia nos cultos, apresentando o problema e em seguida dando a solução. Uma passagem narrada por ele próprio na inauguração de um templo na África do Sul mostra bem a dimensão do exposto e como tais cenários de dor, sofrimento e superação evocados em sua biografia, são operados na prática.

Estamos em *Soweto*, bairro símbolo da luta contra o *apartheid* na África do Sul. No templo da Universal, recém construído, mais de 14 mil pessoas aguardam o

Bispo. O Bispo entra e inicia sua pregação em inglês, com tradução simultânea para dois dialetos locais e diz: “Deus deseja que você tenha visão. Esta igreja bonita, grandiosa⁴, não é nada perto do que Deus quer fazer na sua vida. Ele quer que você cresça, seja bem sucedido, seja um referencial Dele neste mundo”. (TAVOLARO, 2007, p. 263)

Depois de rezar, algo inédito, distribui preservativos no próprio culto. Cerca de 150 mil preservativos passam de mão em mão. E em seguida, após mostrar o caminho e o que Deus tem a oferecer, um dos pastores pergunta: “*Quem [aqui] tem familiares ou conhecidos que morreram de aids? [...] Mais de 7 mil pessoas erguem as mãos*” (Ibid: 2007, p. 263).

2. O Presidente

Após experimentar a vida de sertanejo até os 7 anos de idade, Lula migra para São Paulo. É no centro urbano mais industrializado do país que se torna um operário especializado, sindicaliza-se, passa a fazer política primeiro dentro, depois fora das fábricas, funda um partido político e uma central sindical. Após um quarto de século no centro da cena política, este homem, eleito Presidente da República do Brasil em 2002, transformou-se num dos maiores símbolos das esquerdas brasileira e internacional. (PARANÁ, 2003, p.23)

Denise Paraná inicia a biografia de Lula retrazendo seus passos num paralelo constante com a realidade nacional, sua trajetória é construída como parte da história do país. Sua maneira de narrar a história é a mesma daqueles que contam um mito. Passado e presente são amarrados na pessoa de Lula – transparece na escrita a idéia de que Lula é o homem que deu voz ao Povo, que permitiu a esses anônimos que por 500 anos se mantiveram calados ter voz. Lula é apresentado pela autora como aquele que trouxe a democracia, aquele que cansado da miséria transformou a sua vida e a de milhões brasileiros, levando-os, ao mais alto posto político da nação – a presidência do Brasil.

Para destacar tal papel em que coloca Lula, a autora, traz à luz um entrevista concedida a Folha de São Paulo em 29 de outubro de 2002, onde, o sociólogo

⁴ A templo é resultado de um investimento de 20 milhões de dólares. Dentro dele ar condicionado e cadeiras estofadas, ao estilo dos templos da IURD no Brasil, e que lá, num país tomado pela pobreza e pela miséria, representa um luxo raro naquela parte do país.

Francisco de Oliveira situa Lula como o quarto marco de refundação do Brasil. Nesta entrevista, OLIVEIRA (2002, p.12) coloca a chegada de Lula a Presidência da República junto a outros três marcos que, cada um a seu tempo, representaram, para ele, o renascimento do país. São eles: a Abolição da Escravatura, a Instauração da República e a derrocada da Monarquia, a Revolução de 1930 e a conseqüente recondução do país para um período de urbanização e industrialização, e, a chegada de Lula e o Partido dos Trabalhadores à Presidência da República no ano de 2002.

Também Antônio Cândido tem percepção semelhante acerca da vitória de Lula e serve de suporte ao exposto por Paraná. CÂNDIDO (2003, p. A13) se referindo a vitória de Lula coloca que

Há, antes de mais nada, uma espécie de simbolismo. Cansado das injustiças e dos erros cometidos pelas elites, o povo brasileiro decidiu confiar seu destino à alguém da classe operária, como se quisesse reconhecer o direito que ela tem de participar decisivamente no governo da nação, com ânimo de mudança. Em todo o mundo, quantos trabalhadores manuais chegaram à chefia do Estado? Bem poucos. Pela luta armada e pela guerra, Tito na Iugoslávia; pelo voto Fritz Ebert na República de Weimar e Lech Walesa na Polônia. [...] Note-se que não é um trabalhador que, pelo esforço, conseguiu sair de sua classe e incorporou-se as elites dominantes, como Lincoln. A singularidade no seu caso é que continua essencialmente identificado aos interesses de sua classe, mas decidido a atender as necessidades de todo povo brasileiro. [...] A vitória de Lula pode ser o começo de uma fase redentora na vida política e social brasileira [...].

E assim, como a Igreja Universal fundada por Edir Macedo, hoje, aos 30 anos de idade é considerada como uma das maiores igrejas pentecostais do mundo, o Partido dos Trabalhadores, fundado por Lula, aos 27 anos de idade, é tido como o maior partido de esquerda do mundo. Contudo, Lula é hoje um personagem que vai muito além do partido que ajudou a fundar. Sua imagem, como coloca PARANÁ (2003, p.33) *“simboliza e corporifica a classe operária nacional que surge com o milagre brasileiro, que exige melhores condições de trabalho e de vida e que, mobiliza-se em busca da democracia”*.

Muitas são, assim, as imagens e representações que Lula evoca no imaginário popular: a do peão típico, a do radical de esquerda despreparado, a de líder carismático e estadista, a de símbolo da mobilidade e da democracia, etc. É, portanto, a partir destas múltiplas identidades que Lula, a um só tempo, representa para o povo a história “daqueles que foram vencidos” e “daqueles que venceram”. Quando do lado

dos vencidos mostra que tem origem simples e que o povo não deve aceitar a “cultura da pobreza”. Quando do lado dos que venceram, mostra que é possível à transformação, que qualquer um pode superar as adversidades e chegar aonde ele chegou.

Nos capítulos seguintes a autora nos traz a partir da transcrição das entrevistas realizadas com Lula excertos de uma infância de privações, de luta e enfrentamento de adversidades. Neste sentido, Lula ao se referir a sua infância em Pernambuco coloca que,

Lembro ainda que, quando chovia – como havia problema de muita seca –, quando chovia nos corríamos para fazer represamento de água. [...] Era uma água barrenta, uma água suja, mas a gente colocava a água num lugar para ela “assentar”. Ela “assentava” e a gente ia pegando com a canequinha. Pegava a parte de cima, a sujeira ficava embaixo. (PARANÁ, 2003, p.47)

A sua viagem para São Paulo no pau-de-arara,

Sabe como é um pau-de-arara? É uma tábua atravessada na carroceria do caminhão. Não tem encosto atrás. [...] Você senta e não tem encosto. A gente podia cair. Imagina 13 dias andando naquilo! [...] Durante a viagem a gente comia banana, rapadura, farinha. Às vezes, pegava água no rio São Francisco e fazia comida. Raras vezes a gente comeu em pensão ou dormiu em pensão. [...] A gente dormiu mais foi embaixo do caminhão ou na calçada. (PARANÁ, 2003, p. 59)

Ou ainda, nestes dois excertos, um que se refere a sua infância já no estado de São Paulo, e outro, ao lugar onde morava,

Depois de um período como engraxate, eu fui trabalhar de tintureiro. Eu não lavava a roupa, mas colocava a roupa na máquina, eu marcava o endereço dos clientes nos bolsos das roupas e ia entregar. [...] Antes de começar a trabalhar, eu lembro que fiquei um tempo só com uma calça. Muito tempo. Não foram dias não, foram meses com uma mesma calça só. Eu ia para a escola com ela e sábado e domingo eu tirava para a minha mãe lavar. Na segunda-feira eu voltava a ir a escola com ela. [...] Foi um período muito ruim. Muita miséria. Mas eu era um moleque feliz. (PARANÁ, 2003, p. 64-65)

Nós morávamos numa casa com muita gente. Morava minha mãe, os meus irmãos e os meus primos que pagavam pensão para morar lá em casa. Ela tinha que lavar roupa para todo mundo. [...] Era uma rua de gente muito pobre, ficava num bairro que não tinha asfalto,

não tinha guia, não tinha sarjeta, era uma lama preta. A gente morava no fundo de um bar que era uma coisa melancólica. (PARANÁ, 2003, p.71)

Após destacar esse período de dor e sofrimento vividos por Lula, as rédeas da história são retomadas pela autora que direciona a biografia para a trajetória de Lula como sindicalista, a forma como este ingressou no movimento, a sua construção como liderança sindical, a forma como se deu a sua tomada de consciência de classe, etc., elementos a partir dos quais o personagem Lula é recriado, retraçado, mitificado. Novamente, a partir das narrativas que nos são oferecidas pelo próprio Lula, observamos a retomada de suas lembranças de outrora, de valores que remontam a sua infância de menino pobre de periferia, a sua vida de migrante, de menino-homem que supera as adversidades. Neste sentido, ao longo de todas as entrevistas onde Lula nos conta sua história, se faz presente uma certeza, que apesar das adversidades que surgem no caminho, no final tudo dá certo – ou seja, de uma teleologia da prosperidade.

Outrossim, diferentemente de uma doutrina a ser seguida como no caso de Edir Macedo e sua teologia da prosperidade temos, no caso de Lula, a presença constante da incerteza que, de certo modo, corrobora e é parte constituinte de sua história e daquilo que dá força a sua formação discursiva – sua teleologia. Tal teleologia estaria, por sua vez, ligada a experiência de vida e as representações acerca do mundo e das coisas das classes populares de modo que, suas conquistas representam as conquistas do povo sendo, sobretudo, um exercício de fé nesta teleologia, como coloca Lula na seguinte passagem com a qual encerro esse tópico,

Eu compreendi agora, nesta viagem pelo Nordeste [Caravana da Cidadania], o otimismo de minha mãe e de outras pessoas que é diferente do da classe média urbana. A classe média urbana é muito borocoxô. Ela está sempre se achando infeliz, reclamando. O sujeito está sentado num bar aqui na avenida Santo Amaro tomando cerveja, todo mundo com os ombros caídos, dizendo que nada tem jeito, que está tudo desgraçado, que o governo não presta. Você conversa com o sertanejo, ele está passando fome, está sem comer a três dias, mas ele está com a cabeça erguida, achando que tem jeito! É um negócio assim, quase que uma profissão de fé. Tem jeito! Eu vou melhorar, vai chover, vai acontecer alguma coisa na minha vida. [...] Eu acho que isso é assim porque a classe média ganha as coisas muito facilmente. É uma coisa meio hereditária. O pai era classe média, o filho é classe média, o neto vai ser classe média. São pessoas que não conhecem o sofrimento. [...] Você pega um cara pobre, eu não sei se

ele tem mais fé, se ele acredita mais em Deus, eu sei que ele está mais otimista. Ele anda de cabeça erguida, não está arriado. [...] e aí você pergunta: “Como é que é, companheiro, vamos melhorar?”. E ele responde: “Se Deus quiser, vamos melhorar! Tenho fé que vai melhorar!”. É um negócio muito positivo. Com esse povo dá para fazer uma revolução. Dá para salvar este país! (PARANÁ, 2003, p.61-62)

3. A Eficácia do Símbolo: da teologia de Edir Macedo a Teleologia de Luis Inácio Lula da Silva

Como colocamos no início deste texto, nosso objetivo residia em complementar uma análise que havíamos feito anteriormente (MEIRELLES, 2006) e a partir da introdução de novos elementos, inspirados em LEVI-STRAUSS (1995) que nos traz o relato de Quesalid, um homem que não acreditava no poder dos xamãs e que depois se converteu feiticeiro, introduzimos em nosso sistema simbólico – qual seja, o das representações e anseios das classes populares – a biografia de Edir Macedo. Neste sentido, tem-se que o fato deste último não pertencer propriamente ao campo político nos permitiu deslocar o escopo de nossa análise para outro campo, que não aquele exclusivo do discurso, como o fizemos anteriormente a partir de AUSTIN. Sobremaneira, ao realizarmos esse deslocamento, diferentemente da análise discursiva somente, passamos a considerar outros elementos que não se mostravam presentes no momento em que o discurso era proferido, mas que, estavam lá dados e eram evocados. Retomemos, portanto, o que denominamos de a Tese do Xamanismo e avancemos na análise.

Tal tese, deriva de análises realizadas por pesquisadores do NER, a qual tinha como foco de análise as alusões que colocavam o Presidente Lula como um líder político que estava acima das questões do bem e do mal. Neste sentido, o ponto central das discussões que realizávamos residia em se entender os mecanismos pelos quais o, então Presidente conseguia, apesar dos tropeços de sua equipe política, passar incólume por uma série de escândalos envolvendo políticos e membros da equipe de governo. Outrossim, tem-se que, esta, tem seus pressupostos estabelecidos a partir de uma aproximação com as categorias da magia apresentadas por MAUSS (1974) ao campo político. Desta feita, ao aceitarmos tal proposição, temos que: 1) Está reservado ao político, o papel de mediador que se encarregará de evocar

representações/cenários entre eleitores a fim da consecução de seu fim último – vencer as eleições; 2) Os discursos serão vistos como os momentos em que a política acontece; e, 3) O momento eleitoral como o lócus ritual onde representações são evocadas através de discursos que visam realizar-se em si próprios (efeito perlocutório).

Se naquele texto, como colocamos anteriormente, somente conseguimos resolver as questões que tangenciam os itens 2 e 3. Neste, a partir da análise biográfica de Luis Inácio Lula da Silva e Edir Macedo, conseguimos avançar e perceber que a força de seu discurso está para além daquele que o proclama ou de seus efeitos perlocutórios, mas sim, naquele que o ouve. Explico.

Se partirmos do pressuposto de que as narrativas nas sociedades complexas cumprem o papel que outrora cumpriu o mito nas sociedades primitivas tem-se que, não precisamos saber quem primeiro contou o mito, mas que ele está lá e serve como forma de ordenação do social, como algo que ensina alguma coisa. Se aceitarmos, também, como coloca SAHLINS⁵ que o rito atualiza o mito, tem-se que, a cada vez que evocamos essas histórias – essas representações acerca do mundo – estamos recontando o mito e atualizando-o a partir de referenciais de nossa época, de nosso contexto.

Disto depreende-se que, a força de tal formação discursiva estaria no campo de contingência em que ele se situa, nos imaginários e representações que ele evoca através de trajetórias de dor e sofrimento, da trajetória de homens pobres que venceram, que superaram as adversidades que lhes foram impostas pela vida, ora através do marco religioso da teologia da prosperidade de Edir Macedo, ora através da teleologia do povo, das classes populares (de que tudo vai dar certo) utilizada por Lula. Nas palavras de CORTEN ET ALLI (2006, p. 36) se referindo a esse campo de contingência específico temos que *“l’attribution des significations passe per la logique des differences qui opère à l’interieur même du social. Son rôle est d’ordonner discursivement l’emsemble des identités qui, dès lors, son différenciées”*.

E assim sendo, dado o campo de contingência específico da narrativa a que se referem TAVOLARO (2007) e PARANÁ (2002) é de se esperar que, a partir da evocação destes imaginários e representações, essas histórias sejam dotadas de sentido entre aqueles com que elas se identificam. Corroborá para essa tese, ainda, o

⁵ Quando este nos traz o episódio do Capitão Cook, em Ilhas de História.

fato de que, é entre aqueles oriundos das classes populares que tanto a teologia da prosperidade quanto a teleologia de Lula possuem maior eficácia, levando assim, contingentes imensos de pessoas, ora aos templos da Igreja Universal, ora às urnas, para apostarem naquele que leva consigo a marca do povo e daqueles que agora têm voz.

Considerações finais

Diante do exposto até aqui e do desafio que nos impomos de repensar aquilo que outrora ficou aberto, em nosso pensamento, como algo inacabado, consideramos extremamente gratificante o fato de podermos pensar aquilo que escrevemos sobre uma outra ótica, realizando assim, um exercício de inflexão sobre o nosso próprio pensamento. Neste sentido, cabe destacar que, como já constatado por ORO (2006, p. 203) quando este analisava o discurso do Presidente Lula que

l'efficacité symbolique du discours politique de Lula repose à la fois sur la production d'un discours performatif – où, d'une certaine manière, et suivant Austin, "dire deviant faire" – et sur l'acceptation sociale de l'articulation discursive qu'il opère, articulation qui se rapproche de l'imaginaire social brésilien mais en même temps introduit de nouvelles significations sur la scène des représentations politiques. Autrement dit, l'imaginaire social investit le discours de Lula mais on peut affirmer également que le discours de Lula altere les significations politiques instituées.

Outrossim, para além do exposto por ORO, no que tange ao momento eleitoral e especificamente a análise da formação discursiva de Lula dentro do campo político temos que muito mais está em jogo e é evocado. Estão em jogo tanto as representações e imaginários que, ora o Bispo, ora o Presidente evocam através de suas narrativas como quanto à própria história do povo brasileiro que, ao ir a um templo e ouvir o testemunho de um membro da congregação, ou ao ouvir o Presidente se referindo a trajetória, encontram fragmentos de sua própria história de vida.

Ora, a partir da narrativa da prosperidade de Lula com sua teleologia de sertanejo que saiu do Nordeste e venceu. Ora, a partir da narrativa de Edir Macedo que foi perseguido, preso e humilhado, mas que, nunca deixou de acreditar em Deus

e, também, venceu – sendo o exemplo, mais virtuoso de sua própria teologia da prosperidade.

É sobre o aporte destas histórias, destas narrativas que falam de um Brasil que não nos é estranho que esses dois homens, um do campo político, outro do campo religioso, se encontram com o povo. Sua força está assim, para além das narrativas daquilo que nos contam os biógrafos de Lula e de Edir Macedo, sobretudo, na memória do povo e na forma como, estes, percebem a eles.

E assim o tempo passa, seja no templo, seja no palanque, é o indivíduo que lá está, que tem sua história, que capta e ordena esses fragmentos da história desse outro que lhe é próximo. É ele, o cidadão brasileiro, que mora na periferia das grandes cidades que ordena o caleidoscópio, que decide o que quer ver e dota de sentido e significado essas narrativas que nos são trazidas como mitos que atualizam o tempo passado.

Referências Bibliográficas

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **ACTES DE LA RECHERCHE en Sciences Sociales**. Paris, N. 62-63, p. 69-72, 1986.

CÂNDIDO, Antonio. “Um presidente, muita esperança”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: Edição de 28 de outubro de 2002. Acesso em 22/06/2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2810200233.htm>

CORTEN, André et ALLI. La Clôture du politique: comparaison Castoriadis/ Laclau. In: _____. (orgs.). **Les frontières du politique em Amérique Latine: Imaginaires et émancipation**. Paris: Karthala, pp. 27-46, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural 2**. Barcelona: Paidós, 1995.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U, 1974.

MEIRELLES, Mauro. Nem sempre as coisas foram assim: ou dos (des) encantamentos do campo político e religioso frente as eleições de 2006. **Debates do NER**, Porto Alegre, N. 10, p. 51-64, 2006.

OLIVEIRA, Francisco. “Lula é refundação do Brasil, diz sociólogo. Entrevista concedida a Sylvia Colombo e Rafael Cariello da Folha de São Paulo”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: Edição de 29 de outubro de 2002. Acesso em 22/06/2008.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2910200243.htm>

ORO, Ari Pedro. L’efficacité symbolique du discours du Président Lula. In: CORTEN, André et ALLI. (orgs.). **Les frontières du politique em Amérique Latine: Imaginaires et émancipation**. Paris: Karthala, pp. 203-218, 2006.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

PEIRANO, Mariza G. S. **A análise antropológica de rituais**. Brasília: UnB. Serie Antropologia N. 270, 2000.

TAVOLARO, Douglas. **O Bispo: A história revelada de Edir Macedo**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

***Recebido em Abril de 2012
Aprovado em Agosto de 2013***